

BOCHORNO

Rubem Braga

Olho o céu, olho a areia: manhã de bochorno.
Duas mocinhas saem de casa fazendo carétas para
essa luz mormacenta e desagradável.

Calor. Vou, com um certo remorso, passar uns dias
fora. Pretendo, mesmo, trabalhar quieto esse fim de
semana; mas se houver uma beira de rio, com seus mos-
quitinhos de tarde, um bambual para cortar uma iba
e um pedaço de chumbo para empatar um anzol, tenho
esperança de produzir uma piaba, para falar como as
pessoas que já moraram nos Estados Unidos. Que se
introduzem umas às outras, parqueiam seus carros,
checam as informações, realizam o acontecido, simpati-
zam com a nossa tristeza, fazem apologia dos próprios
erros, e nunca vão às compras na cidade porque fazem
seu shopping em Copacabana.

Com a idade, vou ficando meio impertinente, e só
admito os erros tradicionais de minha região («se você
quiser eu te dou», «isto é para mim comer», etc.), mas
fiquei arrepiado quando aquela senhora nordestina, bela
e fina, disse: — «eu lhe conheço» — arrepiado pensando
na frieza que me atacaria em um lance de amor se ela
disse: — «eu lhe amo». (Ou talvez não atacasse)

E para dia de bochorno, isto já é crônica demais.

24/6/66

M 217
DN 6.5.59
Radio 31.4.64

RN 69